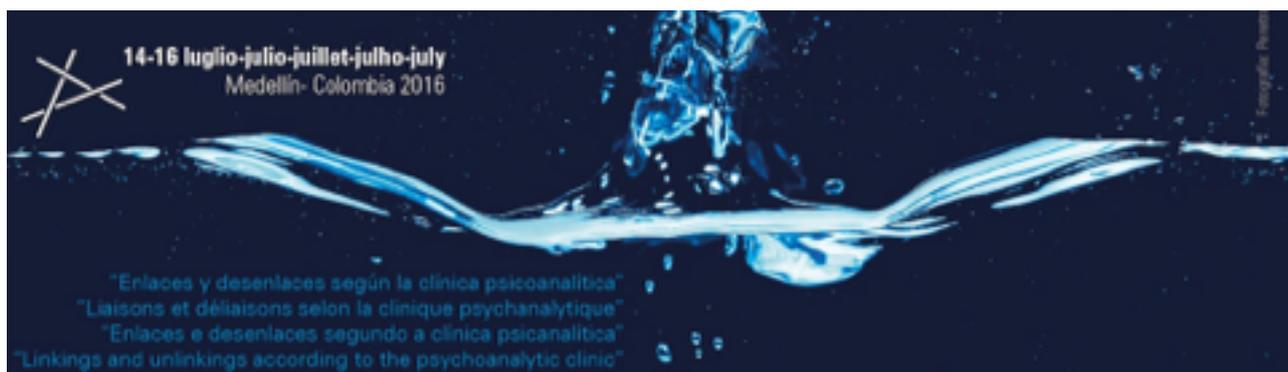


Medellín 2016 - RVI - Prelúdio - Marc Strauss



A ruptura

Vamos partir de um desenlace particular: uma ruptura

Ou melhor, vamos seguir Lacan no momento em que nos fala da ruptura que, segundo ele, caracteriza a época contemporânea: a ruptura entre o saber e o poder.

Ruptura não é divisão, termo de uso mais lexical em Lacan. Este supõe a relação, ao passo que o primeiro a exclui.

É preciso ouvir o tom de extrema gravidade, de extrema firmeza também, com que Lacan aborda este assunto no dia 7 de maio de 1969, na 19ª lição do seminário “De um Outro ao outro”. O sintoma da ruptura, padecemos um a um. Freud leu as premissas, partindo de sua própria posição, e tentou contrapor-se a seus efeitos subjetivos. Mas, desde então, ela se tornou efetiva e o discurso analítico deve responder a essa realidade.

Na referida lição, Lacan evoca os “anos perdidos” através dos quais ele “tentou trazer à tona o discurso analítico” e remete aos campos de concentração o momento inaugural do novo império, marcado por esta “dissensão”. Sujeito desse império do qual ele não pôde se excluir, perseverou em seu esforço de sustentar o discurso analítico, para que este realizasse a sua tarefa de sempre: tornar a existência mais suportável de ser vivida.

Desprovido atualmente de qualquer medida, não há mais limite ao poder do império do saber. Falar deste desenlace é falar da psicanálise na era do discurso da ciência, ou do discurso capitalista, já que são o mesmo. Nos impérios antigos, saber e poder formavam uma sociedade de ajuda mútua, fingindo confrontar-se. Dos sofistas à dialética, o pensamento esbaldou-se com isso, mas não sem supor um ponto onde saber e poder fazem um. Cada um podia assim encontrar seu lugar na ordem coletiva.

É certo que sempre houve um preço a ser pago para portar as insígnias do seu lugar e algumas podiam ser bem pesadas. Pagar para ser coagido, não será esta, aliás, a própria ilustração da servidão voluntária, o escravo ideal, o sujeito do inconsciente? Sobretudo porque nunca fecha a conta.

Resta um equívoco: tratava-se de pagar para ter o direito de usar a insígnia ou, depois, por se ter permitido fazê-lo? Direito de entrada de um lado, castigo do outro. De fato, os dois: o sujeito entra no discurso aceitando apagar o que o torna singular, porque não pode suportar o peso que isso tem de real. Então, lhe é permitido portar as máscaras colocadas à sua disposição para participar do grande jogo dos objetos trocados, com seus ganhos e suas perdas. Além disso, o sujeito paga permanentemente e por antecipação o fato de que ele apenas mascarou o objeto precioso do qual é suposto ter-se desfeito.

Podemos nos perguntar se o fato de pagar estava compensando. Mas ninguém tinha a escolha, era preciso mentir um pouco, transmitindo assim a dívida imprescritível da fala, com a promessa irrealizável de saldá-la.

A ruptura, a disjunção, a dissensão produzida pelo triunfo do discurso da ciência nos faz doravante servos de um saber cuja voracidade é sem freio. Ele forçou o poder a segui-lo, reduzindo-o ao cálculo contável da dívida que sustenta o capital. Este último está a serviço de um saber anônimo, que faz com que os sujeitos sejam todos proletários, com seus corpos numerados.

Quando saber e poder entretinham sua sociedade de assistência, o problema era o da verdade, o da primeira mentira, com efeito, o de fazer um a partir do dois. Isso se colocava, em particular, a propósito do desejo e do seu laço com o amor, de um lado, e com o corpo, do outro. As neuroses freudianas mostraram os sofrimentos dos amantes da verdade no momento em que ela já não era evidente.

Mas, quando o saber faz calar qualquer outro tipo de poder, o que ocorre com a verdade? O sujeito sempre padece da falta de uma parte do saber; mas, de um saber que não é mais o de ninguém, pois não há mais ninguém que tenha a seus olhos o poder de encarná-lo e de dar sentido a essa perda. Então, por mais que a solidão lhe adultere todos os prazeres acessíveis, o sujeito não pode falar da sua dor para ninguém.

Com o cálculo contável, o que resta efetivamente para ser dito cuja validade esteja no que a fala põe em risco?

No tempo da equivalência de tudo e todos às unidades monetárias, como tentar existir de maneira válida, ou seja, preservando o tempo que antecede à possibilidade de se distinguir, sem ser pelo “rumor”, o único que conserva a sua parte de enigma subjetivo? Portá-lo e relatá-lo permite assim que se acredite estar em um lugar de exceção.

No mercado do rumor, será que a psicanálise quer e pode ainda levar a melhor?

É certo que o psicanalista não promete um saber a mais para reter o objeto. Inclusive, ao contrário do discurso da ciência, que substitui os objetos do mercado, ele faz da perda ato. E o sujeito contemporâneo, que não está mais naquela de ter de dizer a verdade, pretensão que a ciência lhe proíbe, assim como lhe proíbe todo equívoco, permanece um ser falante animado por um querer dizer, dizer outra coisa... E, finalmente, não é o que ele sempre fez, por sob os véus da verdade?

Tanto mais que a própria ciência, queira-o ou não, não pode dispensar o resto de dizer que há em cada um. Que isso desagrade aos fanáticos como aos inimigos da I.A. (Inteligência Artificial), o dizer é necessário para que o saber encontre um objeto, ou seja, o que lhe falta por estrutura. E como o dizer só se sustenta dirigindo-se a um outro, a psicanálise trabalha a favor do laço. Se a ruptura é um fato da História, ela não pode proibir ninguém de falar, e mesmo de se entender sobre o essencial: a dor intratável que a irremediável castração do poder pelo saber provoca em nós. Assim, a psicanálise não trabalha pelo retorno imperialista da aliança saber-poder, mas pelo reconhecimento do poder incalculável de uma fala singular.

Se os tempos que virão podem nos fazer temer o pior, então não deveriam começar a consumir o desejo de saber de que é que somos os sintomas.

Leitores e alunos de Lacan, bem podemos transmitir-nos as luzes que ele nos oferece, para nos orientarmos em uma tarefa que não é pouca coisa. *Sicut palea* talvez, certamente, mas é nela que o prazer ainda encontra o seu sentido. Quanto ao resto, bom proveito ao bom entendedor.

Marc Strauss 28, de março de 2016.

Tradução Maria Vitoria Bittencourt.